

Eduardo Lourenço, herdeiro da Geração de 70 e da primeira Seara Nova

Guilherme d'Oliveira Martins

Primeira nota é para dizer que prefiro a ideia de herdeiro da Geração 70, em lugar da de discípulo. E herdeiro, uma vez que, claramente, ao longo do seu percurso, Eduardo Lourenço vai beber, antes de mais em Antero de Quental a reflexão fundamental sobre a sua inserção na nossa identidade e sobre o desenvolvimento dessa mesma identidade. Veja-se a ideia de crepúsculo de quatro séculos que marca a decadência portuguesa do início do séc. XX e a necessidade de redenção. Esse crepúsculo de quatro séculos é marcado pela intervenção de Antero de Quental nas Conferências Democráticas do Casino sobre as *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, e é um elemento fundamental, quando acompanhamos a reflexão de Eduardo Lourenço. A admiração, antes de mais, pela contradição íntima, permanentemente existente em Antero de Quental é algo que permite caracterizar uma constante no pensamento de Eduardo Lourenço. Trata-se de uma admiração pela configuração trágica da obra e da vida de Antero. E essa configuração trágica é sujeita a todas as incompreensões, designadamente de uma cultura tradicionalmente contemplativa e ontologicamente feliz que suporta mal o desmentido à sua mitologia. Mas, a admiração também se afirma pelo confronto entre o sentido e o sem sentido e pela reconstrução provisória que Lourenço encontra em Antero da obra de Hegel. Reconstrução que o aproxima da desconstrução e da crítica que em Kierkegaard está muito clara e nitidamente afirmada. É afinal a compreensão do que Unamuno referirá como o sentimento trágico da vida. E o certo é que esse sentimento trágico da vida e a reflexão sobre ele está sempre presente na obra de Eduardo Lourenço.

Por outro lado, a consideração das interrogações de Nietzsche a propósito da morte de Deus e toda a perturbação que esta questão suscita no próprio Antero só é compreensível a partir do entendimento da sua dimensão religiosa. E é o fenómeno religioso que o aproxima de Antero. Mas há ainda a modernidade, como resultado de um movimento, que não representa um progresso inexorável mas significa a ocorrência de avanços e recuos,

paradoxos, contradições. Afinal, a raiz essencial de Heterodoxia está na necessidade de uma perspectiva crítica quer da ortodoxia, quer do niilismo, quer da crença quer da negação.

Por outro lado, ainda há pouco, Carlos Leone falava da distância. De facto, a distância esteve sempre presente na Geração de 70. Duplamente, e antes de mais relativamente aos grandes centros do progresso, mas também relativamente ao próprio pensamento. Logo em Coimbra, os jovens do “Bom senso e bom gosto” se interrogavam: por que razão nascemos aqui e não no centro da Europa? Mas, por outro lado, havia uma outra questão fundamental: era a necessidade de pensar como se eles estivessem afinal nesse centro da Europa. Permanentemente, estes dois movimentos, sendo complementares, suscitam uma particular curiosidade e uma marca evidente que Eduardo Lourenço sempre procurou descobrir e desenvolver. Força centrífuga que os levava a estar fora e força centrípeta que os levava a querer estar dentro.

Mas, se esta questão, se põe como distância e como necessidade de a superar, a verdade é que é indispensável compreender-se que esta geração viveu intensamente aquilo que Eduardo Lourenço disse: “Todos saíam, ao menos em imaginação do pequeno Portugal, com ideia de abrir o espaço confinado e o desprovincializar”. Afinal, esta é uma questão extraordinariamente importante e por isso Eduardo Lourenço é herdeiro. É alguém que toma em suas mãos um testemunho e ao fazê-lo pretende continuar a corrida, prosseguir a reflexão adaptada às novas circunstâncias e sobretudo, assumindo com todas as suas consequências a modernidade como factor libertador. Modernidade na acção, modernidade no entendimento dos mitos e modernidade no sentido de recusa do fatalismo de um atraso inexorável. É esta a faceta que Eduardo Lourenço descobre com especial empenho designadamente na obra de Oliveira Martins. E, por isso, Lourenço vai ler essa obra como a reflexão de alguém que, paradoxalmente, assume um discurso histórico e visa integrar a sombra no processo épico da visão tradicional. Há, de algum modo, um “perfil fantasmagórico” para usar a expressão de Eduardo Lourenço, ao separar, na escrita, o plano vital e psicológico do plano material que condiciona o pensamento. Este elemento trágico e este elemento reflexivo levam ao que Eduardo Lourenço considera

ser uma das virtualidades maiores da geração de Antero e dos seus. O que está em causa é a recusa da tentação de uma síntese racional. E é esta recusa que Lourenço encontra, não apenas na obra de Antero de Quental mas simultaneamente na obra de Oliveira Martins, uma obra em diálogo, com duas metades complementares uma da outra.

Partindo de Antero, partindo dos seus, Eduardo Lourenço, o ensaísta, vai prosseguir o testemunho que lhe é dado pela primeira *Seara Nova*. Discípulo de Joaquim de Carvalho e de Silvío Lima, Eduardo Lourenço não esquece a importância de António Sérgio. Se é verdade que no seu testemunho pessoal, Eduardo Lourenço não considera que Sérgio tenha tido uma influência absolutamente decisiva, o certo é que no texto de 1969 sobre o “Mito Cultural” em “O Tempo e o Modo”, Eduardo Lourenço vai mesmo interrogar no essencial António Sérgio ao dizer que afinal, a fragilidade maior da sua obra é o seu sentido abstracto, o seu racionalismo idealista e o seu moralismo que suscitam a tendência de olhar o reino canaveroso de fora, como se afinal nós próprios não fizéssemos parte dele mesmo.

Concluindo, direi que é a partir da compreensão exacta do lugar da Geração de 70 na cultura portuguesa e do que esta foi beber nas gerações anteriores, designadamente nos exílios e, em particular, em Alexandre Herculano e em Garrett que podemos entender a herança intelectual assumida por Eduardo Lourenço, que envolve também a compreensão do papel e da importância que os homens da primeira geração da *Seara Nova* tiveram ao iniciar um percurso crítico e um caminho que recusasse plenamente a ideia de que o atraso, a distância são condenações inexoráveis. A heterodoxia de Lourenço recusa, por isso, o fatalismo e põe a par a vontade e a emoção, a razão e o compromisso, o mito e a ideia — para que a distância não se torne motivo de desistência.